



TRÊS DEGRAUS, UMA LAJE

Armanda Duarte

Culturgest, Chiado 8 Arte Contemporânea,
Lisboa, até 3 de dezembro

É preciso andar para ver. Para mim, pelo menos, é. Desta vez foi no espaço Chiado 8. Entrei e nada vi, a não ser o próprio espaço, uma sala que se abre para a esquerda em duas outras. Aí, nessa abertura, vi uma perturbação lá no fundo, na última parede algo se tinha movido como se uma báscula intervisse com os limites do espaço ou com a percepção do equilíbrio. Avancando, tudo se compõe; afinal, todo o fundo da sala estava preenchido por areia crescendo na diagonal, e o equilíbrio voltava com o desvendar de um tão simples e tão eficaz artifício. Concluo o percurso na circularidade da última sala. Linhas de olhar à altura de um corpo humano levantado e, rasas como o chão, figuras de fundo circular erguem o que poderia ser a maqueta de uma cidade. De novo alguma vertigem, porventura mais mental que física, entre olhar e chão, completada pelo caderno de apontamentos que ficara à entrada... à saída? Regresso insatisfeito, ou inquieto, ao ponto de partida e vejo, primeiro, como que um ténue fio de prumo que descia do teto e continuava junto ao solo numa pequena coluna transparente feita de esferas sobrepostas. Nada disso lá estava, ou eu vira antes, só que, mais de perto, descobri que não havia qualquer fio de prumo, isto é, a memória do que eu não vira ao entrar pela primeira vez inventou algo que, fisicamente, lá não estava. Assim, esta instalação ganhava a presença singular de uma rara capacidade de dar a ver, não com os olhos mas com todo o corpo, um espaço que continuamente se transformava num enigma que o olhar colocava e o andar resolvia, sem desfazer, no entanto, a vertigem que lá morava desde o início.

José Luís Porfírio